



Rosiane Lima Sousa

**O clima e sua abordagem nos livros didáticos de Geografia voltados para a  
Educação de Jovens e Adultos**

São Paulo

2016



Rosiane Lima Sousa

**O clima e sua abordagem nos livros didáticos de Geografia voltados para a  
Educação de Jovens e Adultos**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica, na modalidade Educação de Jovens e Adultos do Instituto Federal São Paulo, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane de Carvalho dos Santos

São Paulo

2016

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	06
I. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL .....	09
Histórico da EJA no Brasil .....	10
O aluno da EJA .....	14
II. O MATERIAL DIDÁTICO VOLTADO PARA A EJA .....	17
O Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos ....	18
III. OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS PRESENTES NA COLEÇÃO ‘É BOM APRENDER’ .....	21
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS .....	37

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a abordagem dada à climatologia nos livros de Geografia voltados para a EJA (Educação de Jovens e Adultos), nos anos iniciais do ensino fundamental. Esse estudo justifica-se pela forte ligação do clima com o espaço vivido, ao longo da história da humanidade, determinando a forma como vive o homem, nos mais diferentes pontos do planeta. Para a elaboração desta pesquisa foi avaliado um livro didático analisado e aprovado pelo PNLD EJA (Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos). Também foi feita uma caracterização do PNLD e da EJA, bem como um histórico da mesma no Brasil. Essa pesquisa serve de subsídio para os professores e demais profissionais ligados à EJA, especialmente da área de Geografia. Que seja um instrumento de pesquisa e aprofundamento sobre a importância do clima e suas abordagens. As pesquisas aconteceram com o estudo e análise aprofundada da abordagem dada ao clima em um livro didático voltado para EJA, obra essa que faz parte de uma das coleções indicadas no manual do PNLD EJA do ano de 2014.

Palavras-chave: Climatologia; Educação de Jovens e Adultos; Livro didático; PNLD EJA.

## Abstract

The present work has as its objective to analyze the approach given to climatology in Geography books directed to elementary school years of adult education. This study is justified by the strong relation between climate and the space lived in, throughout mankind's history, determining the way in which man lives in the most different parts of the planet. For the elaboration of this research, a textbook approved by the National Textbook Plan for Adult Education was analyzed. A characterization of the National Textbook Plan and of adult education was also done, as well as a track record of adult education in Brazil. This research works as a support for teachers and other professionals who work with adult education, specially in the subject of Geography. The research was done with the study and analysis of the approach given to climatology in a textbook direction to adult education, a book which is part of one of the recommended collections in the 2014 manual of the National Textbook Plan for adult education.

Keywords: Climatology; Adult education; Textbook; National Textbook Plan;

## INTRODUÇÃO

As vivências como professora de Geografia na rede particular de ensino brasileira durante mais de duas décadas, bem como a atuação em turmas de Educação de Jovens e Adultos na rede pública de ensino, despertaram meu desejo de aprofundamento no estudo da abordagem dada à climatologia nos livros de Geografia voltados para a Educação de Jovens e Adultos. Com os estudos realizados no curso de pós-graduação do Instituto Federal de São Paulo, Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica, na modalidade Educação de Jovens e Adultos, esse interesse se tornou mais forte, evidenciando o desejo de aprofundamento nesse assunto.

Ao estudarmos o clima, uma das distinções básicas que necessitamos compreender é a diferença entre os conceitos de tempo e clima. O tempo é usado para identificar as condições da atmosfera, em um determinado lugar e em um dado momento. Clima é a sucessão de estados do tempo atmosférico, em um determinado lugar por, no mínimo, três décadas.

O clima pode ser considerado como um dos fatores que determinam a distribuição da população em todo o planeta. O homem é capaz de viver em todos os climas do mundo. Para isso ele desenvolveu mecanismos orgânicos, culturais e tecnológicos de adaptação, tendo em vista que há variações de condições climáticas nas mais diversas regiões da Terra. O clima é um fator determinante no nosso cotidiano. A sua importância é fundamental para o entendimento de muitos aspectos do nosso espaço e das relações nele estabelecidas. Como afirma AYOADE (1996, p.286):

O clima talvez seja o mais importante componente do ambiente natural. Ele afeta os processos geomorfológicos, os da formação dos solos e o crescimento e desenvolvimento das plantas. Os organismos, incluindo o homem, são influenciados pelo clima. As principais bases da vida para a humanidade, principalmente o ar, a água, o alimento e o abrigo, estão na dependência do clima. Assim, o ar que respiramos é obtido da atmosfera, a água que bebemos origina-se da precipitação e o nosso alimento tem sua origem na fotossíntese - um processo que se torna possível por causa da radiação, do bióxido de carbono e da umidade, e todos são atributos do clima.

Como podemos perceber, o clima interfere em praticamente todas as esferas da vida humana. A ocupação do espaço, produção de alimentos, vestuário, abrigo e o ar que respiramos, são todos elementos dependentes das condições meteorológicas. Outra importância em se estudar o clima de uma região está na questão do zoneamento agroclimático.

Com o zoneamento agroclimático, estuda-se a possibilidade de implantar um determinado cultivo em uma região. Determina-se o risco: se é baixo, médio ou alto para aquele cultivo. Cada tipo de cultivo depende, entre outros, de uma certa disponibilidade hídrica. Dessa forma, são escolhidos cultivos de acordo com o melhor aproveitamento da água da chuva já disponível para aquele lugar, minimizando o uso de água de irrigação. Assim, ajuda-se a garantir a segurança hídrica e a segurança alimentar.

O clima tem enorme influência também sobre a saúde das pessoas, o ambiente em que elas vivem e a sensação de conforto. Várias doenças que atingem o homem têm ligação com as condições climáticas do lugar onde as pessoas vivem e muitas delas estão associadas ao clima, pois este pode influenciar o crescimento, a propagação e a difusão de alguns organismos patogênicos ou de seus hospedeiros. A resistência do corpo humano às infecções diminui em temperaturas extremamente baixas.

Da mesma forma que o clima tem efeitos negativos na saúde humana, já condições climáticas favoráveis podem proteger e auxiliar na recuperação do corpo, em relação às doenças. O ar puro e fresco, a temperatura amena e umidade moderada, associadas ao tratamento adequado, podem ter funções terapêuticas.

Das mais variadas formas, o clima interfere em uma diversidade de atividades humanas, como a agricultura, pecuária, indústria de tecelagem, comércio e turismo. De acordo com Ayoade (1996, p. 287) “as várias atividades econômicas do homem são influenciadas pelo clima em diversos graus. Tais atividades incluem a agricultura, o comércio, a indústria, assim como o transporte e a comunicação, para citar somente algumas”. A eficácia dos serviços de transporte e comunicação também depende do clima. Atividades executadas ao ar livre como a mineração, construção, turismo e atividades de lazer como os esportes estão sujeitos às condições climáticas.

Conscientes da interferência e importância do clima na vida do homem, o objetivo desse estudo é analisar como a climatologia é abordada em um livro didático voltado para a Educação de Jovens e Adultos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta investigação tem como objetivo servir de suporte para os professores atuantes na Eja.

Para que esses objetivos sejam alcançados, este trabalho traz em seu primeiro capítulo, uma caracterização da EJA como modalidade de ensino, um histórico da EJA no Brasil e a caracterização do aluno de EJA. O capítulo dois trata sobre o material didático destinado aos alunos e profissionais da EJA e sobre o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA). No capítulo três trazemos uma análise dos conceitos geográficos, abordagens e atividades presentes na coleção “É Bom Aprender”, volume 2, da editora FTD.

## I. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A EJA é uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que, por motivos variados, não puderam dar continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada.

A Educação de Jovens e Adultos mostra-se, cada vez mais, uma importante ferramenta na busca pela democratização e inserção social. Por meio dela, milhares de pessoas têm a perspectiva de transformar suas vidas. Pessoas que se sentem socialmente excluídos têm a oportunidade de exercer sua cidadania, a partir da consciência de suas potencialidades e de seu papel como atores sociais.

Neste sentido, Haddad (2008, p. 29) acentua que

A importância de se investir na educação de jovens e adultos no Brasil, reside no reconhecimento dessas pessoas como sujeitos de um direito universal que, em virtude das desigualdades apontadas, lhe foi negado no passado e cujo acesso lhe é dificultado no presente, em razão da opção de desenvolvimento adotada, com enfoque na priorização do crescimento econômico em detrimento da expansão das capacidades da população.

Durante muito tempo o direito ao voto foi negado aos brasileiros que não eram alfabetizados. No entanto, não podemos acreditar que a alfabetização e instrumentalização das pessoas com conhecimentos básicos, como ler, escrever e fazer algumas operações matemáticas sejam suficientes para que um brasileiro possa exercer seus direitos de cidadão.

Alfabetização não é sinônimo de conscientização. Um indivíduo alfabetizado não é, necessariamente, um sujeito consciente da sua existência e do seu papel social. Faz-se necessário que a educação consiga ultrapassar a fronteira da mera instrumentalização e torne-se uma ferramenta para a democratização da sociedade e da justiça social. Para que isso aconteça, o primeiro passo é fazer uma leitura histórica e compreender a gênese e o desenvolvimento da atual conjuntura da EJA no Brasil. Dessa forma, a EJA deve ser entendida como uma ferramenta de transformação.

A educação de pessoas jovens e adultas deve ser pensada como um processo educacional específico, não apenas fundamentado na idade desses sujeitos, mas por características socioculturais que apontam à necessidade de uma proposta político pedagógica diferenciada daquela pensada para as crianças do ensino fundamental regular.

O ensino de EJA deve ser visto como uma construção, sendo, por isso, resultante dos significados que o homem atribui à realidade, através dos processos de interação em que participa na sociedade. Trata-se de uma concepção educacional crítica e contestadora, que faça os educandos pensarem sobre suas condições de existência na sociedade e se percebam como atores sociais, capazes de intervir com habilidade e competência em seu meio social.

Capitaneadas por Paulo Freire, o eixo central das idéias progressistas na EJA fundamenta-se na reflexão crítica e na análise crítica das próprias condições de existência dos trabalhadores que participam dos cursos. Os métodos didáticos - pedagógicos têm, na base da sua elaboração, a realidade vivida dos educandos. Busca-se não apenas instrumentalizar os indivíduos com saberes formais, ao contrário, a educação é pensada e planejada como um instrumento para conscientização e emancipação das classes populares.

Essas idéias trazem, portanto, o pensamento do diálogo com os saberes do povo e a valorização desses saberes. Com essa visão, conseguimos deslocar, do indivíduo para a sociedade, as causas do analfabetismo e da defasagem escolar dos jovens e adultos membros das classes populares. Essa sim é uma concepção educacional crítica e contestadora.

### **Histórico da Eja no Brasil**

Para entender melhor a Eja é importante que se faça uma retrospectiva sobre os principais programas e políticas desenvolvidas no Brasil nessa área. Esse olhar para o passado serve não somente para conhecer aquilo que foi desenvolvido em relação a essa modalidade: trata-se de uma busca para entender quais foram os pontos norteadores, buscando fazer uma avaliação destes e estabelecer pontos de referência para uma nova percepção do que representa a Eja hoje. Essa retomada

das ações do Estado no sentido de promover a Eja permite perceber quais foram as suas intencionalidades e principais contradições.

De acordo com Haddad e Di Pierro (2000, p.127)

A partir de 1940, o setor público, particularmente o governo federal, assumiu o papel de protagonista da oferta educacional dirigida à população adulta, tomando a iniciativa de promover programas próprios e acionar mecanismos de indução e controle sobre outros níveis de governo. Foi assim com as campanhas de alfabetização da década de 1950, com o MOBREAL ou com a Lei 5.692 de 1971 que institucionalizou o Ensino Supletivo. O ponto alto do movimento de reconhecimento do direito de todos à escolarização e da correspondente responsabilização do setor público pela oferta gratuita de ensino aos jovens e adultos ocorreu com a aprovação da Constituição em 1988.

Foi a partir da década de 1940 que começam a ser implementados no Brasil programas destinados à Eja. As primeiras propostas de caráter mais abrangentes, com amplitude nacional, segundo Di Pierro, Jóia e Ribeiro (2001, p. 132), são: o Fundo Nacional de Ensino Primário, criado em 1942; o Serviço de Educação de Adultos e a Campanha de Educação de Adultos, ambos de 1947; também é importante destacar a Campanha de Educação Rural, de 1952, bem como a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, de 1958.

Essas iniciativas demonstram bem a percepção que já então havia sobre a necessidade de se elevar o nível educacional da população brasileira, visando promover a modernização do país. Em todas essas iniciativas mencionadas, porém, mantinha-se o caráter compensatório dessas políticas. A preocupação principal era fornecer uma instrumentalização básica para essa população. Em nenhum momento a preocupação foi de realizar com os educandos uma análise crítica da sociedade e da realidade vivida por eles.

Na década de 1960, com a chegada do regime militar, tivemos a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), no ano de 1969. Era um programa voltado para jovens e adultos, implementado pelos governos militares, com uma coordenação centralizada pela União. Seu objetivo era levar a alfabetização a todos os adultos do país. Foi utilizado como instrumento de divulgação e legitimação da

ordem e da ideologia imposta pelos militares à sociedade brasileira. Em 1985, ares de redemocratização que tomavam conta do país inviabilizaram a continuidade do programa, que fornecia pouco mais que um domínio rudimentar da escrita.

Em 1961 tivemos algumas poucas propostas para uma Eja com caráter e diretrizes diferentes, mas com curta duração, devido aos rumos políticos pelos quais o Brasil seguiu a partir das décadas de 1960 e 1970, em função do ciclo de governos militares que se iniciou em 1964.

Essa série de iniciativas, apesar de breves, tiveram um cunho progressista e voltados para uma educação crítica e transformadora. Foram iniciativas desenvolvidas por organizações populares e pela igreja católica, como o Movimento de Educação de Bases (MEB), o Movimento de Cultura Popular de Recife e os Centros Populares de Cultura, da União Nacional dos Estudantes. Esses foram alguns programas de maior destaque e eram orientados pelas idéias e propostas desenvolvidas pelo educador Paulo Freire.

As idéias norteadoras da pedagogia freiriana eram a reflexão e a análise crítica das condições de existência dos trabalhadores que participavam dos cursos. Os métodos eram elaborados com base na realidade de vida dos educandos. O objetivo principal não era instrumentalizar o indivíduo, mas partir para a busca da conscientização e emancipação das classes populares.

Foi apenas mais tarde, a partir da década de 1990, que essas ideias progressistas passaram a servir de base teórica e metodológica para uma educação popular em um sentido mais amplo.

Em 1988, com a promulgação da atual Constituição Federal, a Eja tornou-se um direito do cidadão. Essa nova visão da educação como um direito teve implicações no desenvolvimento das políticas voltadas para jovens e adultos analfabetos ou com defasagem escolar.

Em 1996, a nova lei de Diretrizes e Bases (LDB) confirmou a obrigatoriedade da oferta dessa modalidade de ensino, porém, sem estipular a sua forma de implementação. Vários estados e municípios desenvolveram iniciativas voltadas para o ensino de Eja, porém muitos desses programas não tiveram continuidade, pois ficaram suscetíveis às mudanças políticas locais.

Durante o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) foi criado o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), porém a Eja ficou de fora desse programa, bem como o ensino médio. Conforme afirma Haddad e Di Pierro (2000, p.124)

Ao estabelecer o padrão de distribuição dos recursos públicos estaduais e municipais em favor do ensino fundamental de crianças e adolescentes, o FUNDEF deixou parcialmente descoberto o financiamento de três segmentos da educação básica – a educação infantil, o ensino médio e a educação básica de jovens e adultos. Com a aprovação da Lei 9.424, o ensino de jovens e adultos passou a concorrer com a educação infantil no âmbito municipal e com o ensino médio no âmbito estadual pelos recursos públicos não capturados pelo FUNDEF.

Dessa forma, o avanço da Eja aconteceu apenas nos locais onde os governos municipais e estaduais, pressionados pela sociedade civil, promoveram políticas para expansão dessa rede. Nesse período, pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constataram que o Brasil tinha aproximadamente 60 milhões de pessoas com mais de 15 anos sem terem concluído o ensino fundamental.

A partir de 2004, a Eja passou a receber um suporte de recursos com o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). Vários programas foram criados, sendo que vários deles foram supervisionados diretamente pelo Governo Federal, como o programa Pro-Jovem.

Observa-se que a Educação de Jovens e Adultos é cada vez mais suprimida em detrimento de outras modalidades, especialmente do Ensino Fundamental. Não existe uma política articulada e planejada que atenda ao desafio de superar o analfabetismo e elevar a escolaridade da população.

## O aluno de Eja

Conhecer a comunidade e as características que marcam o cotidiano dos estudantes da Eja, bem como seus anseios e perspectivas, é fundamental para se ter uma melhor compreensão de quem é o estudante da EJA e o que ele vem buscar na escola.

As mudanças ocorridas na sociedade brasileira e na educação nacional durante as duas últimas décadas do século XX e início do século XXI acabaram trazendo para a Ela uma nova realidade a qual envolve, sobretudo, um movimento de juvenilização desta. Conforme afirma Haddad (2000, p. 126-127)

Há uma ou duas décadas, a maioria dos educandos de programas de alfabetização e de escolarização de jovens e adultos eram pessoas maduras ou idosas, de origem rural, que nunca tinham tido oportunidades escolares. A partir dos anos 80, os programas de escolarização de adultos passaram a acolher um novo grupo social constituído por jovens de origem urbana, cuja trajetória escolar anterior foi malsucedida. O primeiro grupo vê na escola uma perspectiva de integração sociocultural; o segundo mantém com ela uma relação de tensão e conflito aprendida na experiência anterior. Os jovens carregam consigo o estigma de alunos-problema, que não tiveram êxito no ensino regular e que buscam superar as dificuldades em cursos aos quais atribuem o caráter de aceleração e recuperação.

Essa juvenilização se expressa de maneira clara no crescente número de jovens que abandonam o ensino regular e ingressam nos cursos de Eja. A necessidade cada vez maior dos adolescentes entrarem no mercado de trabalho, como forma de ajudar no sustento das famílias, justifica a opção pela modalidade EJA, além da EJA também ser usada como um coringa para solucionar problemas de indisciplina ou repetência múltipla de educandos do ensino regular.

O primeiro passo para uma experiência de Eja bem-sucedida consiste em saber quem são os alunos, onde e como vivem e qual é o seu histórico de vida. Nóvoa (2002, p.23) diz que: “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente”.

Ao ser submetido a um ensino descontextualizado e sem sentido, uma vez que este não faz referência alguma às suas necessidades e à sua realidade vivida, o aluno de Eja assume para si o estigma da incapacidade. É necessário um reconhecimento das características e peculiaridades desses estudantes, que a escola os veja como indivíduos que estão envolvidos numa realidade, a qual é dada pelas circunstâncias sociais em que vivem.

Cabe ao educador da modalidade da Eja a busca permanente por qualificação para desenvolver ações pedagógicas que atendam às necessidades dos educandos jovens e adultos e suas experiências socioculturais. O professor deve estabelecer o aprendizado com base na realidade do educando, propondo apropriação dos conteúdos a partir das histórias relatadas por seus alunos. A escola de Eja precisa estar atenta às especificidades do aluno jovem, adulto, trabalhador, oportunizando aos mesmos o acesso aos conhecimentos produzidos historicamente. Como afirma Freire (1980)

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se). (FREIRE, 1980, pp. 33-34).

Os momentos de troca de experiências, de contato com diferentes produções culturais, assim como momentos que levem a reflexões sobre as relações sociais e a sua própria condição de aluno trabalhador devem ser proporcionados e estimulados. A escola de Eja somente contribuirá para a construção de uma educação progressista através de um projeto pedagógico voltado para o atendimento das necessidades específicas dos seus educandos, respeitando sua individualidade e seu ritmo de aprendizagem. Segundo Binz (1993, p.17):

A aprendizagem do adulto se estabelece a partir da relação do conteúdo trabalhado pelo professor com aproveitamento deste conteúdo na sua vida prática. O adulto visa crescimento imediato e é por isso que as abordagens devem estar vinculadas à realidade do aluno; o currículo não pode ser estático, mas atender o aluno em suas necessidades; devem ser consideradas as suas diferenças

individuais, o seu ritmo de aprendizagem, a bagagem de conhecimento que traz consigo e suas experiências de vida.

Cabe ao professor de Eja buscar material didático apropriado e métodos de ensino que consigam fazer a ligação entre os conteúdos estudados e o cotidiano dos alunos. Para isso, é importante que o professor conheça a realidade desses alunos, que tenha informações sobre quem são eles e como é o seu dia-a-dia. Essas informações são importantes para que as aprendizagens sejam significativas.

## II. O LIVRO DIDÁTICO VOLTADO PARA EJA

De acordo com o Guia de livros didáticos de Geografia, proposto pelo MEC, o livro didático de Geografia

não deve se constituir no único material de ensino em sala de aula, mas pode ser uma referência nos processos de ensino e aprendizagem que estimule a curiosidade e o interesse para a discussão, a análise e a crítica dos conhecimentos geográficos” (2008, p. 09).

Os livros didáticos no geral constituem objetos que não só veiculam conceitos e valores presentes em uma sociedade em um dado momento histórico, como também transmitem condutas socialmente válidas e produzem muito lucro.

Este resumo de Bittencourt, extraído de dois de seus textos (1997,2005) ajudam na tentativa de situar e definir o que seja o livro didático. A autora ressalta sua complexidade e a dificuldade de defini-lo:

O livro didático é, antes de tudo, uma *mercadoria*, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado. Como mercadoria ele sofre interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização. Em sua construção interferem vários personagens, iniciando pela figura do editor, passando pelo autor e pelos técnicos especializados dos processos gráficos, como programadores visuais, ilustradores (...)

Mas o livro didático é também um *depositário dos conteúdos escolares*, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares: é por seu intermédio que são passados os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais de uma sociedade, em uma determinada época. O livro didático realiza uma transposição do saber acadêmico para o saber escolar no processo de explicitação curricular. Nesse processo, ele cria padrões linguísticos e formas de comunicação específicas ao elaborar textos com vocabulário próprio, ordenando capítulos e conceitos, selecionando ilustrações, fazendo resumos etc. (BITTENCOURT, 1997b, p. 72).

Percebe-se que o livro didático é um objeto cultural complexo, com marcante presença no cotidiano escolar e que envolve os mais variados interesses e funções. A discussão sobre o livro didático ganha mais destaque no Brasil em virtude desse material se constituir uma das políticas públicas, por meio do PNLD que, devido ao volume investido, é considerado um dos maiores programas de livros didáticos do mundo.

Além de explicitar os conteúdos escolares, é um *suporte de métodos pedagógicos*, ao conter exercícios, atividades, sugestões de trabalhos individuais ou em grupo e formas de avaliação do conteúdo escolar. (...)

Juntamente com essas dimensões técnicas e pedagógicas, o livro didático precisa ainda ser entendido como *veículo portador de um sistema de valores*, de ideologias, de uma cultura de determinada época e de determinada sociedade.

As interferências de professores e alunos também fazem parte da compreensão do livro didático. Como seu público-alvo (professores e alunos) utiliza os conteúdos, os instrumentos de aprendizagem, a ideologia e os valores nele contidos? (BITTENCOURT, 2005, p. 302).

Apesar das críticas as mais diversas, tanto em relação ao conteúdo como em relação à abordagem dadas aos mesmos, ilustrações, exercícios e tantas outras, o livro didático ainda é fundamental no cotidiano escolar brasileiro. Muitos professores tomam o livro como base para preparar suas aulas. Em um cenário econômico onde o professor é obrigado, muitas vezes, a se submeter a jornadas em várias escolas e turnos, o livro didático assume um papel maior, tendo um grande poder nas decisões e no cotidiano da aula. Muitos métodos e conteúdos são determinados pelo livro didático.

### **O Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD Eja)**

O PNLD Eja (Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos) é um programa do governo federal que tem como objetivo

Disponibilizar livros didáticos aos alfabetizados e estudantes jovens, adultos e idosos das entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado, das escolas públicas com turmas de alfabetização e de ensino fundamental e médio na modalidade EJA.

Os livros didáticos têm sido uma ferramenta muito utilizada para subsidiar a prática pedagógica dos professores em sala de aula. A escolha desse material por parte dos profissionais que trabalham com a Eja se torna difícil pelo número reduzido de coleções ofertadas pelo mercado editorial e pelas características dessas obras, visto que as mesmas precisam atender às especificidades do público ao qual se destina. Sua linguagem deve ser acessível e compatível com a série em questão. As atividades, claras e desafiadoras, devem deixar de lado a repetição ou transcrição de trechos do livro e permitir ao aluno a aplicação do conhecimento a novas situações.

De acordo com o Guia de Livros Didáticos (PNLD EJA 2014),

“a questão dos materiais didáticos voltados para a Educação de Jovens e Adultos, especialmente os livros didáticos, está presente nas políticas ou programas governamentais desde os anos 1940, sendo que , devido a descontinuidade dessas políticas, foi dificultada a consolidação de um campo próprio para a reflexão e produção de materiais adequados às aprendizagens e à Educação de Jovens e Adultos”.

A ausência de uma política nacional centralizada e continuada de produção de matérias e livros didáticos para Eja, resultado histórico das políticas voltadas para a modalidade, fez com que o mercado editorial brasileiro não tivesse interesse em produzir livros para a Eja. Esse fato justifica-se pelo público de Eja não representar mercado consumidor para o setor. Somente com a implantação do PNLD é que as editoras se reestruturaram para atender às regras impostas pelo programa.

Segundo informações trazidas no Guia,

“somente através da Resolução nº 18, de 24 de abril de 2007 a Educação de Jovens e Adultos foi incorporada ao Programa Nacional

do Livro Didático, mas unicamente para distribuir, a título de doação, livros didáticos às entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado. Pela Resolução 51, de 16 de setembro de 2009 é que o Programa Nacional do Livro Didático voltado para a Educação de Jovens e Adultos passou a distribuir obras didáticas para todas as entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado e para todas as escolas públicas com turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental da EJA”.

Como podemos perceber, somente a partir do ano de 2009 é que o Programa Nacional do Livro Didático passou a distribuir obras didáticas para todas as escolas públicas com turmas de Eja. No geral, as obras ainda se mostram desconectadas da realidade dos estudantes, com uma linguagem inapropriada, mais parecendo uma adaptação dos livros voltados para a educação básica.

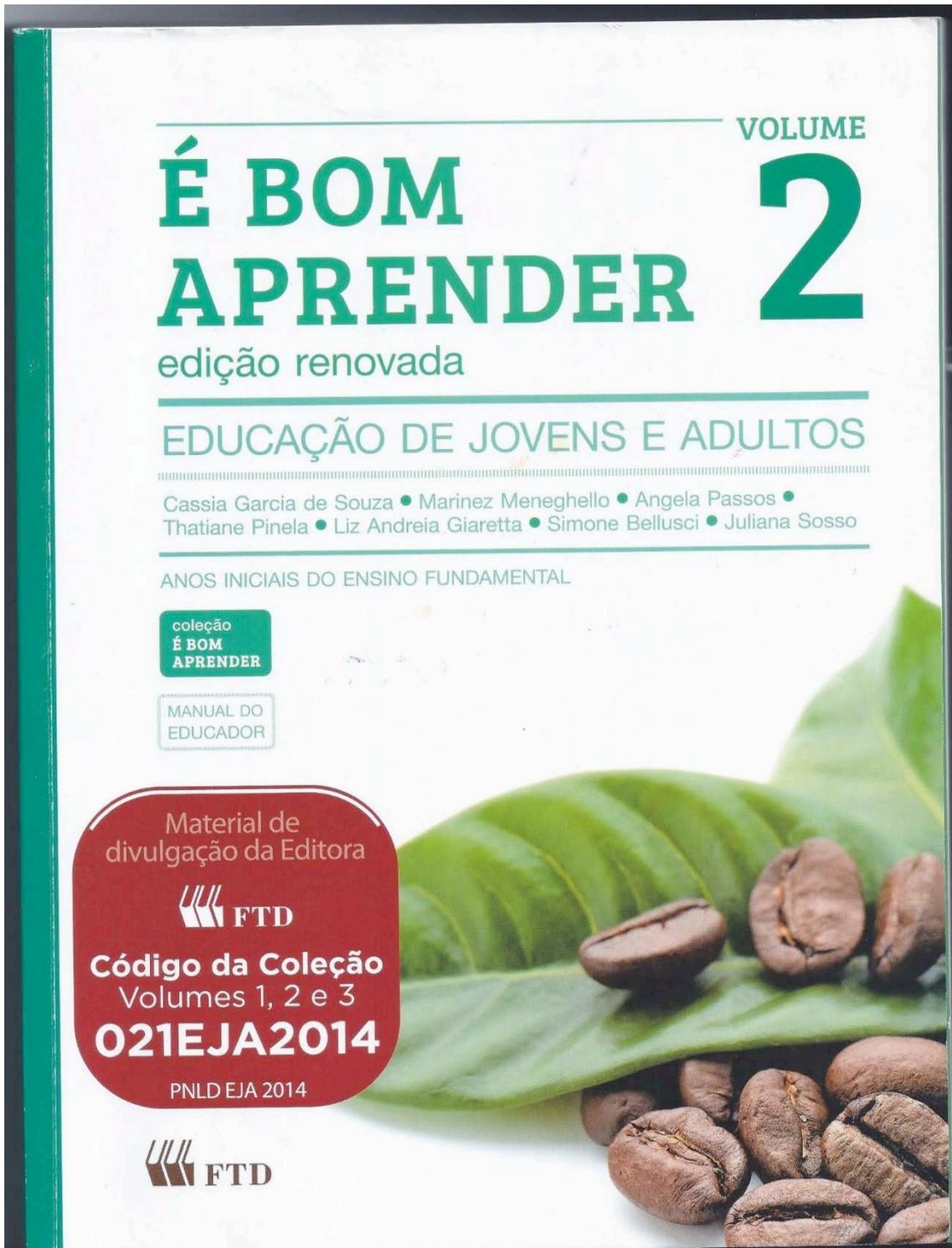
### **III. OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS PRESENTES NA COLEÇÃO “É BOM APRENDER”, VOLUME 2, DA EDITORA FTD**

Depois de feita a análise por parte da equipe de especialistas convidados pelo Ministério da Educação para o primeiro segmento do Ensino Fundamental, que é o centro de interesse nesse estudo, foram selecionadas quatro coleções. Uma dessas iremos analisar voltando nossa atenção para a questão do clima e sua abordagem.

O que marca a mudança de mentalidade no processo de ensino de Geografia é como se processam a construção e reconstrução do conhecimento nessa área. Para isso, é fundamental valorizar o conhecimento trazido pelos alunos, considerando as relações que se estabelecem sobre os diferentes lugares, conhecidos por meio de experiências vivenciadas em seu cotidiano. Esses conhecimentos que os alunos de Eja já trazem irão contribuir na análise, na ampliação, sistematização e síntese de conteúdo, o que torna possível construir e reconstruir os conhecimentos de Geografia usados para fazer uma leitura e reflexão sobre o lugar em que vivem.

A seguir temos, para identificação, a imagem da capa da coleção que será analisada e, na sequência, a imagem das sete páginas que compõem a unidade três da obra, referindo-se ao tema abordado nesse estudo.

Figura 1



Capa do livro "É Bom Aprender" volume 2, editora FTD.

Figura 2

**UNIDADE 3** | **A NATUREZA PRESENTE NAS PAISAGENS**

---

**TROCANDO IDEIAS**

Você já estudou que o ar, as rochas, o solo, a água, assim como as plantas e os animais, são elementos criados pela natureza. Esses elementos estão presentes nas diferentes paisagens que observamos.

- Você sabe como esses elementos atuam na formação e na transformação das paisagens? Converse com seus colegas e digam o que vocês já sabem sobre esse assunto. *Resposta pessoal. Estimule os alunos a dizerem o que já sabem.*

---

**O TEMPO, O CLIMA E AS PAISAGENS**

Quando observamos se o dia está ensolarado e quente, ou chuvoso e frio, estamos verificando quais são as condições do tempo atmosférico naquele momento. Observando e registrando as variações do tempo atmosférico que ocorrem em um lugar, durante muitos anos, é possível classificar o clima desse lugar. As características do clima, como temperatura, quantidade de chuvas, e os ventos diferenciam as paisagens. Conheça alguns exemplos.

**GLOSSÁRIO**  
Veja significado em GLOSSÁRIO para palavras com este destaque.



Maurício Serravallo/Palmeira - Fotogram



Daniela Zucherman/Estúdio - Fotogram

▶ Lugares de clima quente e chuvoso são propícios ao desenvolvimento de formações vegetais abundantes, como da floresta tropical acima, em Paranapiacaba, distrito de Santo André, São Paulo, em 2010.

▶ Em lugares onde o clima é seco, geralmente, desenvolvem-se plantas adaptadas à falta de chuva, e os rios podem até secar, como na imagem acima, em Uauá, Bahia, em 2010.

O estudo desta unidade permite um trabalho integrado com os conteúdos de Ciências, relativos aos estudos de tempo atmosférico, clima, estações do ano e poluição dos rios.

**GLOSSÁRIO**  
**Tempo atmosférico:** características do ar atmosférico em um dado momento, por exemplo, se está quente ou frio, úmido ou seco.

Veja proposta de atividade sobre este tema no Guia.

**270**

Na página 270 do livro “É Bom Aprender” (figura acima), o autor inicia o capítulo três, intitulado “*A natureza presente nas paisagens*”. Em seguida é feita uma indagação sobre como os elementos naturais atuam na formação e transformação das paisagens. É sugerido que o aluno converse com os colegas de sala e exponha o que já sabe sobre o assunto. Percebemos que o autor faz referências aos conhecimentos já trazidos pelos alunos e os incentiva a discutirem o conteúdo abordado com os colegas.

Na sequência, o autor aborda os conceitos de tempo e clima. Esses conceitos aparecem de forma clara para o aluno. As características do clima, quais sejam temperatura, quantidade de chuva e ventos são citadas e relacionadas às diferentes paisagens presentes nos lugares. Duas ilustrações são usadas para exemplificar a ligação do clima com as paisagens dos lugares. Ao professor, é sugerido que se faça uma abordagem integrada ao conteúdo da disciplina Ciências, que também trabalha esse conteúdo.

Como podemos perceber, um livro bem ilustrado é importante para tornar o conteúdo mais claro e interessante para o aluno. Um livro de Geografia precisa ser bem ilustrado com mapas, gráficos, fotografias e desenhos, visto que essa ciência estuda o espaço geográfico e as relações que ocorrem no mesmo, visto que há necessidade de representar esse espaço de modo que o aluno venha a compreendê-lo. Todavia, essas representações devem estar em sintonia com o texto, ou seja, precisam ter um objetivo. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 340) afirmam que:

Na Geografia, as representações gráficas e cartográficas são extremamente importantes na ampliação de conhecimentos espaciais tanto do cotidiano dos estudantes como de lugares distantes, sobretudo na atualidade, com o processo de globalização em curso. Assim, gráficos e cartogramas devem interagir com os textos, completando-os ou até mesmo servindo para a organização pedagógica de suas aulas. Não se pode estudar Geografia sem essas linguagens.

No caso do ensino da Eja, as ilustrações constituem um recurso a mais na fixação do conteúdo, pela capacidade de ligar o conteúdo à realidade do aluno.

Cabe ao professor, associar o conteúdo de Geografia Física com o de Geografia Humana para que o aluno possa ter uma melhor compreensão do assunto.

Figura 3

## AS ESTAÇÕES DO ANO

As estações do ano são fenômenos relacionados ao clima, decorrentes do movimento de translação da Terra. Na superfície terrestre existem lugares em que essas estações – primavera, verão, outono e inverno – são bem definidas. Nesses lugares, as paisagens também vão se modificando de acordo com as estações do ano, à medida que os meses se tornam mais frios ou mais quentes, mais secos ou mais chuvosos.

### Primavera

Estação com temperaturas amenas caracterizada por mudanças nas paisagens, quando a maior parte da vegetação floresce e rebrota.

### Verão

Estação em que os dias são mais longos e as noites são mais curtas. Nessa época do ano, as temperaturas ficam mais elevadas.

### Outono

Nessa estação, os dias começam a ficar mais curtos que as noites, e as temperaturas ficam mais baixas. Utilize um globo terrestre para ilustrar a incidência desigual do Sol na superfície terrestre provocada pela inclinação do eixo da Terra durante o movimento de translação.

### Inverno

Estação em que as noites são mais longas e os dias mais curtos. Nessa época do ano, as temperaturas ficam mais baixas e em alguns lugares chega a nevar.

Em alguns lugares, no entanto, as quatro estações do ano não são bem definidas. É o que ocorre em grande parte do nosso país, onde as temperaturas são altas durante praticamente o ano todo e as estações, geralmente, se diferenciam pela quantidade de chuvas, com uma estação seca e outra chuvosa. As temperaturas mais baixas do nosso país são registradas principalmente durante os meses de inverno nos estados da região Sul.

**GLOSSÁRIO**

**Movimento de translação:** movimento que a Terra realiza em torno do Sol, ao longo de um ano.

### O clima e o tempo em nosso cotidiano

As estações do ano são marcadas pela ocorrência de diferentes eventos meteorológicos, como chuvas, tempestades, secas. As cidades das regiões Sul e Sudeste do Brasil, por exemplo, sofrem os efeitos das enchentes, provocadas pelas fortes chuvas de verão. No interior do Nordeste, por sua vez, é a ocorrência das secas prolongadas que causa prejuízos econômicos e dificulta a vida da população.

- Converse com seus colegas sobre os impactos e os prejuízos que as enchentes e as secas podem provocar na vida de muitas pessoas.
- Discutam também sobre as medidas que poderiam ser tomadas para evitar ou amenizar tais impactos.

A ocorrência de uma intensa enchente com deslizamentos de terras em Petrópolis, Rio de Janeiro, em 2011, fez muitas vítimas.



Imagem: EngenheiroPublii - Fotografinha

Na ilustração da página 271, os autores trazem como tema “ As estações do ano”. A princípio é feita uma relação das estações do ano com o clima do lugar e, destes dois, ao movimento de translação da Terra.

Chama-se a atenção para as mudanças ocorridas nas paisagens, de acordo com as estações do ano. Há uma caracterização resumida de cada estação do ano e é feita uma relação entre essas estações do ano, no nosso país, e a presença ou não de chuvas. Pequena referência é feita à região sul como a mais fria do Brasil.

Há uma retomada ao clima e tempo, na parte inferior da página 271, relacionando-os aos problemas provocados pelas enchentes e secas que acontecem no Brasil a cada ano. A sugestão dos autores é que os alunos discutam entre si os impactos e prejuízos das enchentes e secas na vida das pessoas.

Sugere-se que se discuta sobre o que pode ser feito para amenizar ou evitar tais impactos. O texto é ilustrado com imagem de deslizamento de terra causado por uma enchente em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro.

A idéia de relacionar as experiências dos alunos em seu cotidiano com os conteúdos de Geografia se torna possível pelos aspectos inerentes a essa ciência que discute as relações do indivíduo com o seu meio, como vemos em Callai (2001, p. 143)

O conteúdo de Geografia, por ser essencialmente social e ter a ver com as coisas concretas da vida, que estão acontecendo e tem sua efetivação num espaço concreto, aparente e visível, permite e encaminha o aluno a um aprendizado que faz parte da própria vida e, como tal, pode ser considerado em seu significado restrito e extrapolado para condição social da humanidade.

Acreditamos que essa possibilidade de se discutir o espaço vivido dos alunos é uma maneira de ligar os acontecimentos do mundo, que por muitas vezes são contraditórios, com as experiências dos alunos no seu lugar. As experiências de vida podem contribuir muito para a compreensão dos conteúdos científicos, em contrapartida um melhor aprendizado pode resultar em ações mais conscientes e críticas do aluno no seu dia a dia: “É do confronto dessa dimensão do vivido com o

concebido socialmente – os conceitos científicos - que se tem a possibilidade da reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido.” (CAVALCANTI, 2001, p. 148).

## ATIVIDADES

Se possível, complemente o estudo do tema por meio de notícias e manchetes de jornais locais que destaquem a influência do clima sobre a vida e as atividades econômicas do lugar onde vivem.

1. Leia o texto a seguir com atenção e responda às questões.

[...]

Eu olho pela janela e vejo, no pátio do meu prédio, a primavera chegar. Tem sol, solzinho fraco, e as folhas verdes despontam nas árvores. Então eu me lembro dos meus dez anos. Na região em que eu morava, o inverno era terrivelmente frio. Era um descampado, varrido pelo vento e sujeito a longas temporadas de chuva no inverno. Mas quando chegava a primavera, [...] cessava a chuva e a paisagem mudava inteiramente. Nos campos, em volta da nossa aldeia, as plantações de trigo despontavam, o barro dos caminhos secava e a gente saía para olhar as árvores se cobrirem de folhinhas.[...]



Maurício Lopez - Ilustração Digital

Mirna Pinsky. *Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante*. São Paulo: FTD, 1997, p. 20 e 21.

- a) Como a personagem do texto percebe a chegada da primavera na paisagem do lugar onde vive atualmente?

Ela percebe um "solzinho" fraco e as folhas verdes que despontam das árvores existentes no pátio do prédio onde ela mora.

- b) Com a chegada da primavera, quais transformações ocorriam na paisagem do lugar onde a personagem morava quando tinha 10 anos?

A paisagem mudava inteiramente, pois cessava a chuva e as plantações de trigo despontavam, o barro dos caminhos secava e as árvores se cobriam de folhas.

2. Reúna-se em grupo com seus colegas para investigar as principais características do clima do lugar onde vocês vivem. Para isso, conversem sobre os seguintes aspectos.

- As temperaturas são elevadas durante a maior parte do ano, no lugar onde vocês vivem? Esta atividade propicia um momento de interdisciplinaridade com Língua Portuguesa, ao solicitar aos alunos seus conhecimentos e estratégias de produção textual.
- Há meses do ano em que faz mais frio? Quais?
- Há meses em que venta mais? Quais?
- Existem meses que são mais chuvosos que outros? Quais são eles? Nesses meses costuma ser mais frio ou mais quente?
- Existem meses em que quase não chove? Quais são esses meses?
- Como vocês percebem as diferenças entre as estações do ano no lugar onde vivem?

Depois de conversar sobre as questões acima, produzam um texto coletivo sobre como é o clima no lugar onde vocês vivem.

Resposta pessoal. Auxilie os alunos na conversa sugerida na última questão. Lembre-os das características da estação mais quente, mais fria, mais seca ou mais chuvosa do ano, no lugar onde vivem. Tentem delimitar os meses em que

essas características são mais marcantes. Oriente os alunos a notar que a vegetação é influenciada pelas mudanças na estação, conforme a descrição do texto. Veja informações complementares para o estudo desse assunto no

272

Página

a 272 do livro "É Bom Aprender", volume 2, editora FTD.

Na página 272 temos uma página de atividades que traz, na sua questão de número 1, um texto para leitura que trata-se de um trecho do livro da escritora Mirna

Pinsky, que servirá de base para responder à questão que segue. Esse texto descreve uma paisagem da primavera, possivelmente vista da janela de um apartamento. A autora busca resgatar, nas questões das atividades, características do clima do lugar onde vivem os alunos. São feitas perguntas sobre temperatura, ventos, chuvas.

A discussão sobre a importância de se resgatar a experiência de vida dos alunos no processo de ensino-aprendizagem já foi debatida por vários autores como: Resende (2002), Callai (2001, 2005), Cavalcanti (2002), Freire (2001), Castellar (2000), Kaercher (2003), Oliveira (2001), Sacramento (2007). No momento em que se valoriza a realidade do grupo de alunos, resgata-se a sua história e sua identidade. Discutindo um espaço que conhecem, podem construir conceitos mais amplos, facilitando o seu aprendizado e levando-os a uma maior compreensão do seu papel como sujeitos ativos na construção do espaço em que vivem. Por isso a importância de se explorar tais questões nas atividades.

Considera-se que cada aluno possui conhecimentos adquiridos na sua vivência sócio espacial e que, quando esta vivência é considerada, pode-se chegar a um melhor entendimento dos conhecimentos em Geografia.

Figura 5

## A VEGETAÇÃO E AS PAISAGENS

A vegetação é um dos elementos naturais que mais se destacam em algumas paisagens. As características da vegetação natural estão diretamente ligadas aos tipos de clima e solo encontrados em cada lugar. Observe, a seguir, como a vegetação torna uma paisagem bem diferente de outra.



Edson Sato/Pulsar - Fotografia



Maurício Simonetti/Pulsar - Fotografia

▶ Paisagem da floresta Amazônica em Barcelos, Amazonas, em 2012.  
 ▶ Paisagem da Caatinga em Jatobá, Pernambuco, em 2012.

Explique aos alunos que o solo pode variar conforme sua composição, podendo ser formado, por exemplo, de material argiloso ou arenoso e sofrer influência do ambiente, tornando-se úmido ou seco, de acordo com o clima do lugar.

Nas paisagens do espaço rural, podemos observar a vegetação como elemento de grande destaque, seja natural, isto é, que se desenvolve espontaneamente em um lugar, seja plantada pelas pessoas, como é o caso das lavouras, das pastagens e dos reflorestamentos.

Já nas cidades, muitas vezes, a vegetação se resume às plantas das moradias, às árvores das ruas e praças e aos parques que reúnem diversos tipos de árvores e outras plantas.

- Essas áreas verdes tornam a cidade mais bonita e contribuem para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Que medidas podem ser tomadas para aumentar as áreas verdes no espaço das cidades? Como cada cidadão pode contribuir para que isso ocorra? Converse com seus colegas sobre esse assunto. *Resposta pessoal.*

### ATIVIDADE

Veja orientações para o trabalho com esta página no **Guia**.

- De acordo com as imagens acima, quais são as principais diferenças existentes entre os tipos de vegetação representados acima?  
 Na Floresta Amazônica, a vegetação é densa e abundante, com árvores de diferentes tamanhos.  
 Já a vegetação da Caatinga é rala e adaptada à falta de água.

**273**

A página 273 traz como destaque “A vegetação e as paisagens”. Os autores chamam a atenção para a vegetação como elemento de destaque das paisagens e fazem uma ligação entre estas e os tipos de clima e solo de cada lugar. É feita uma referência à vegetação natural e aquela que é plantada pelas pessoas, mais encontrada nas cidades.

Dois ilustrações são utilizadas para mostrar diferentes paisagens. Ambas de locais de clima quente: a floresta Amazônica e a Caatinga. Indagações sobre como ampliar as áreas verdes das cidades são feitas, para levar o aluno à reflexão. Discussões sobre o assunto, entre os alunos, são sugeridas.

Na atividade presente na página 273, é solicitado ao aluno que compare as duas paisagens das ilustrações e que se relacione as diferenças entre elas. Essa comparação é importante para que o aluno compreenda que cada sociedade se relaciona com o seu espaço de forma diferente, buscando explorar os recursos oferecidos por esse espaço.

Do mesmo modo, é possível também compreender por que a natureza favorece o desenvolvimento de determinadas atividades e não de outras e, assim, conhecer as influências que uma exerce sobre a outra, reciprocamente. Quando se estuda a paisagem local, deve-se procurar estabelecer relações com outras paisagens e lugares distantes no tempo ou no espaço, para que elementos de comparação possam ser utilizados na busca de semelhanças e diferenças, permanências e transformações, explicações para os fenômenos que aí se encontram presentes.

No ensino da geografia, “.os saberes tomados com objetos de conhecimento pelo aluno é aqueles referentes ao espaço geográfico” (CAVALCANTI, 2002, p.19), ou seja, o espaço geográfico não serve apenas para pensar e analisar a realidade pelo lado científico, mas ele é algo vivido por nós e resultante de nossas ações, então isso quer dizer que se ensina a disciplina de geografia para que os alunos desenvolvam em si a percepção espacial das coisas, e nas coisas.

Figura 6

## O RELEVO E OS RIOS NAS PAISAGENS

Ao observar a paisagem de um lugar, seja de uma cidade, seja de um sítio ou fazenda, podemos perceber que o terreno apresenta diferentes formas. O conjunto dessas formas do terreno é chamado **relevo**.  
 Oriente os alunos a realizarem a leitura das páginas 274 e 275 em conjunto.

- 1 **Planalto:** terrenos de superfícies geralmente onduladas; áreas de desgaste que fornecem grande quantidade de sedimentos para as áreas do entorno.
- 2 **Planície:** terrenos caracterizados pela deposição de sedimentos, apresentando formas relativamente planas.
- 3 **Depressão:** terrenos que apresentam altitudes mais baixas que as áreas ao seu redor.
- 4 **Morro:** porção mais elevada do que o terreno à sua volta.
- 5 **Serra:** conjunto de elevações do terreno.

Se possível, realize a observação sobre as formas de relevo proposta no **Guia**.  
 Veja orientações para o trabalho com esta página no **Guia**.

### Transformações do relevo

As formas de relevo também passam por modificações. Elas vão sendo transformadas, ao longo do tempo, pela ação da água, dos ventos, dos animais, das mudanças de temperatura, das raízes de plantas e também pela ação do ser humano.

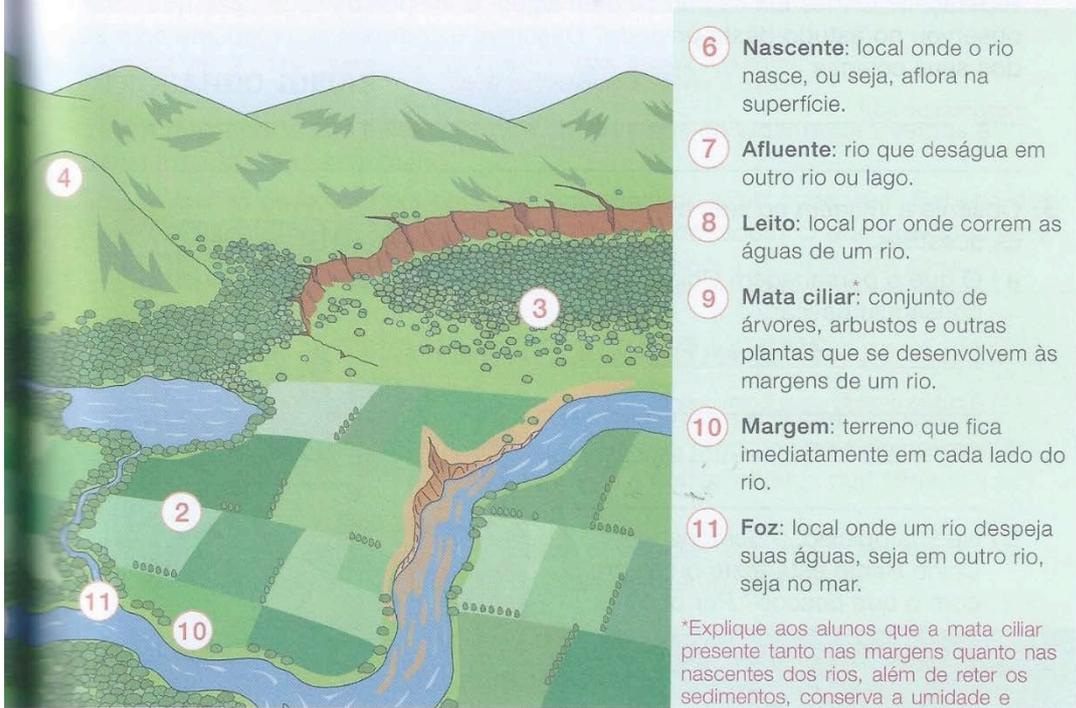
Ao lado, observamos que o ser humano transformou o relevo para a construção de uma rodovia, no município de Vargem, São Paulo, em 2012.

- Forme dupla com um dos seus colegas e descreva como é o relevo de onde se localiza a sua escola.  
 Leve os alunos a observar o relevo do lugar onde a escola está localizada e descreva-o com eles. Peça aos alunos que verifiquem, onde vivem, subidas e descidas, morros, colinas ou ruas retas e planas, que revelam as características do relevo do lugar. Eles também podem descrever a presença de serras, planícies ou outras formações locais que não foram citadas.

Figura 7

Os rios também se diferenciam em razão das formas de relevo dos lugares por onde passam, assim como pela quantidade de água que contêm.

Veja, na ilustração, a representação e a explicação sobre algumas formas de relevo e sobre as partes de um rio.



contribui para que as fontes de água não sequem. Sem a mata ciliar, a água das chuvas carrega grande quantidade de sedimentos para o leito dos rios, inclusive agrotóxicos das lavouras cultivadas no entorno. Veja como as características de um rio tornam uma paisagem diferente de outra.



► Rio em Querência, Mato Grosso, em 2011.



► Rio em Pirenópolis, Goiás, em 2012.

Na página 274 e 275 (figuras 7 e 8), são explorados o relevo, com suas diferentes formas e, junto a este, as partes de um rio. Temos uma caracterização das principais formas de relevo, acompanhadas de uma ilustração que ocupa as duas páginas e mostra as formas do relevo e as partes de um rio. Imagens reais de diferentes rios (de planalto e de planície), ocupam a parte inferior da página 275. A atividade sugerida solicita aos alunos que descrevam como é o relevo de onde a escola está localizada.

Como afirma MOREIRA (1982, p.08), o ensino de geografia, “é o estudo explicativo das diferenciações espaciais na superfície terrestre”. Importante se faz essa observação, descrição e comparação entre as paisagens para que possa haver uma maior compreensão de como aconteceu o processo de formação e como acontecem as transformações dos diferentes tipos de espaços e territórios. Como sugere o autor, ao observar a paisagem do seu entorno e identificar as diferenças nas altitudes das terras, o aluno poderá entender as modificações ocorridas nesse espaço e os fatores que contribuem para que essas modificações pudessem ocorrer.

O ensino de Geografia procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade e as transformações sofridas pelo mundo. Essa realidade envolve sociedade e natureza. “Cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”. (OLIVEIRA, 2003, p. 142). Nesta perspectiva, mediante a uma leitura do espaço ou região, o aluno tem os subsídios básicos para interpretar o local e regional, identificando as relações sociais, econômicas e ambientais do mesmo. A partir desta leitura, sem dúvidas os alunos adquirem parâmetros de como suas atividades transformam o ambiente.

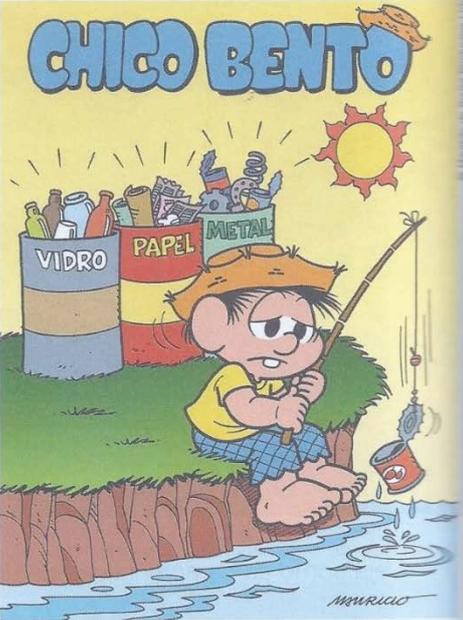
Figura 8

**ATIVIDADES**

\*A principal diferença é que o rio da paisagem B, por percorrer um relevo com desníveis, tem corredeiras, e o rio da paisagem A, que corre por terreno plano, tem curso sinuoso, sem desníveis.

**DE OLHO NO TEMA MEIO AMBIENTE**

- Qual é a principal diferença entre os rios mostrados na página anterior?
- Na paisagem do lugar onde você vive é possível notar a presença de áreas de vegetação? Onde? Ela se parece com algum dos tipos de vegetação que você observou no estudo desta unidade? Descreva e compare sua resposta com a dos seus colegas. *Estimule o debate sobre o meio ambiente entre os alunos e, se possível, realize a atividade proposta no Guia.*  
Resposta pessoal.
- Observe a imagem ao lado e responda às questões.
  - O que o personagem Chico Bento conseguiu pescar?  
Ele conseguiu pescar resíduos, isto é, uma lata e outros produtos que foram depositados nos coletores recicláveis.
  - Na sua opinião, o personagem Chico Bento está triste ou alegre com o que pescou? Por quê?  
Possível resposta: ele está triste, porque em vez de peixe ele retirou resíduos do rio, mostrando que esse curso de água está poluído.
- Como a poluição dos rios é causada?  
Possível resposta: a poluição é causada pelos resíduos jogados nos rios ou nas ruas, pelos esgotos das casas, dos estabelecimentos comerciais e das indústrias despejados em suas águas, pelos agrotóxicos usados nas lavouras e trazidos pelas chuvas.
- Há algum rio próximo à sua casa? Qual é a situação desse rio? Conte aos demais alunos. *Resposta pessoal.*
- Quais consequências a poluição dos rios pode trazer para as pessoas e os animais? Escreva, no caderno, um texto sobre esse assunto e apresente-o aos demais alunos. *Resposta pessoal. Estimule uma conversa entre os alunos, levando-os a trocar ideias antes de produzirem o texto. Eles podem descrever situações vivenciadas em sua realidade.*



**CHICO BENTO**

MURICHO

276

*Página 276 do livro “É Bom Aprender”, volume 2, editora FTD.*

A página 276 traz, na questão de número 1, referência às imagens dos rios mostradas na página anterior. É solicitado ao aluno que ele aponte as diferenças entre um rio de planalto e um rio de planície.

A questão 2 também faz várias perguntas sobre vegetação no mesmo item.

Na questão 3 temos uma ilustração do personagem Chico Bento, das histórias em quadrinhos, pescando em um rio poluído.

As demais questões (4, 5 e 6) abordam mais uma vez a poluição dos rios.

Quando o autor explora, por meio das questões presentes nas atividades, as características do espaço vivido pelos alunos, ele parece buscar compreender a espacialidade e a temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações, isso é importante para entender a formação e a organização espacial atual de espaços geográficos próximos ou distantes. Para o aluno de EJA isso é muito significativo, visto que, em sua história de vida, pode ter estabelecido interações com diferentes espaços e grupos sociais. A dimensão histórica na análise geográfica possibilita a percepção das forças que atuaram e continuam atuando na construção desses espaços, conduzindo ao entendimento do significado de cada lugar e de suas relações com outros lugares, possibilitando compreender a espacialidade como resultados de processos sociais, políticos, culturais e naturais.

Deste ponto de vista, a geografia é uma ciência capaz de fazer esta ponte entre o vivido e o conteúdo disciplinar, podendo abordar o trabalho interdisciplinar e as discussões em sala de aula. A ciência geográfica tem sua importante contribuição sobre a leitura do mundo e do cotidiano vivido. Ela é uma ciência que permite o entendimento do espaço, lugar, região e paisagens que fazem parte do contexto do aluno. Esta abordagem do cotidiano é reforçada também pela relação do próprio educando com o meio ambiente, já que a geografia trabalha com a relação homem e natureza.

#### **IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio dessa pesquisa foi possível verificar que a Educação de Jovens e Adultos se constitui como uma maneira de acesso das pessoas ao ensino que não puderam prosseguir, na idade própria, por motivo os mais diversos. A essa modalidade de ensino poucas vezes foi dada a importância merecida por parte dos governos, tendo a mesma sofrido, por ser quase sempre relegada a segundo plano. Não seria esse o momento de criar-se um programa realmente forte e voltado efetivamente para a Eja no Brasil, já que essa modalidade sempre foi deixada de lado?

O livro didático da Eja, como a própria modalidade, merece mais atenção e um olhar mais atento por parte dos órgãos ligados à Educação de Jovens e Adultos, pois somente agora está sendo realmente efetivado como material didático obrigatório para os alunos. Sua elaboração deve agregar saberes de estudiosos da área, visando ser uma ferramenta complementar que realmente faça a diferença na vida do professor e do aluno, já que o mesmo serve, em grande parte do país, como a principal ferramenta usada pelo professor em sala de aula. Por que não produzir um material realmente voltado para esse público, sem meras adaptações do livro usado no ensino regular, que possa efetivamente fazer a diferença na vida do professor e do aluno?

Em relação ao livro didático analisado, foi possível observar que o mesmo procura fazer essa ligação entre a teoria e a realidade do aluno, porém, por ser utilizado em todo o território nacional e por ser o Brasil um país de grandes diversidades, essa não é uma tarefa simples, porém não pode ser considerado um livro ruim. Por ser um material elaborado para ser usado em escala nacional, será necessário que o professor tenha um cuidado especial ao usá-lo, fazendo adaptações e complementações necessárias.

Concluindo, vale dizer que não é a intenção aqui menosprezar nenhuma obra ou autor, pelo contrário, vemos nesse trabalho uma forma de contribuir para que se possa, cada vez mais e melhor, repensar a necessidade de auxiliar as pessoas nas suas aprendizagens escolares, principalmente buscando fazer uma ligação entre o

conteúdo estudado e a sua realidade. Uma aprendizagem realmente significativa e que leve a uma transformação social que beneficie a todos.

## REFERÊNCIAS

AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os trópicos**. Rio de Janeiro. Bertrand do Brasil, 2003.

BINZ, Jussara Ferreira. **O ensino supletivo no Rio Grande do Sul: um estudo introdutório sobre seus fundamentos, funções e características**. In.: Educação para crescer: educação de jovens e adultos: reflexões sobre o contexto teórico-prático. Porto Alegre: Governo do Estado, 1993, p.15-19.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

\_\_\_\_\_, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Guia dos Livros Didáticos do PNLD EJA 2014** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. – Natal: EDUFRRN, 2014.

Brasil. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos: PNLD 2014: EJA** / Ministério da Educação. – Brasília: MEC; SECAD, 2014.

CALLAI, H. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002  
DI PIERRO, M. C., JOIA, O. & RIBEIRO, V. M. 2001. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Caderno cedes. N. 55, p. 58-77.

FREIRE, Paulo. **O Homem e Sua Experiência/Alfabetização e Conscientização**. In: FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 13-50.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.  
HADDAD, Sérgio. **A ação de governos locais na educação de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n.35, p. 197-211, ago.2007.

\_\_\_\_\_, Sérgio. **A situação da atual educação de pessoas jovens e adultas no Brasil.** Resumo Executivo. México: Crefal, 2008.

\_\_\_\_\_, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de Jovens e Adultos.** Revista Brasileira de Educação, n.14, mai-ago 2000, p.108-130.

MOREIRA, Igor Antônio Gomes. **O Espaço Geográfico:** Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1982

NÓVOA, Antonio (org.) **Os professores e sua formação.** Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 1987.

OLIVEIRA, A. U. **Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira.** In: OLIVEIRA, A. U. et al (Org.). Para onde vai o ensino de Geografia? 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-144.